

## A Violência na Linguagem

O livro *As Três Ecologias*, de Felix Guattari, apresenta uma proposta que se revela cada vez mais pertinente e atual à nossa sociedade: o autor nos sugere uma reinvenção dos modos de ser coletivos. Em um momento em que há um verdadeiro colapso das relações humanas, sua “ecosofia” é muito bem-vinda. Ela consiste numa nova maneira do homem pensar sua relação com o meio ambiente, com sua sociedade e até mesmo com sua subjetividade.

O livro como um todo é um apelo ao pensar, numa tentativa de devolver à humanidade sua condição de ser integrado ao mundo, e não fragmentado e isolado como hoje nos é apresentado tanto pelo estilo de vida capitalista quanto pelas teorias pós-modernistas. *As Três Ecologias* nos estimula a questionar todas as esferas sociais, segundo o próprio Guattari, a “reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc.”<sup>1</sup>

No entanto, uma frase bastante intrigante, que talvez passe despercebida a um leitor mais desatento, foi para mim um convite para promover esta reflexão trilhando um único caminho: o da violência, que, ao que me parece, permeia todo tipo de relações atualmente. Eis a frase: “A violência e a negatividade resultam *sempre* de Agenciamentos subjetivos complexos: elas não estão intrinsecamente inscritas na essência da espécie humana, *são construídas e sustentadas por múltiplos Agenciamentos de enunciação.*”<sup>2</sup> (grifos meus)

Ao defender que a violência não é *essencialmente* humana, Guattari acaba por afirmar que ela o é *exclusivamente*. Aqui tem início minha reflexão sobre a natureza da violência.

Pensar a essência da violência requer uma reflexão sobre a própria natureza humana, ou até mesmo sobre os aspectos do homem que o afastam da natureza, enfim, é preciso discorrer sobre o tópico talvez mais abordado na história da filosofia: a separação entre homem e natureza.

---

<sup>1</sup> GUATTARI, Felix. *As Três Ecologias*. Editora Papirus, p. 17.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 42.

Este tema, sempre fundamental para pensar nossa origem e também nosso lugar no mundo é agora mais importante do que nunca, já que vivemos um momento em que nosso profundo distanciamento da natureza parece trazer conseqüências drásticas. Aquecimento global, queimadas, poluição, crueldade com animais, destruição de ecossistemas... o caminho de dominação escolhido pelo homem afigura-se também como o caminho da destruição do planeta. Mas seria de dominador o papel correto a ser assumido pelos humanos frente aos chamados inumanos?

É óbvio que o homem pertence à natureza, que é uma parte inserida no todo – sua própria condição biológica (respiração, alimentação, etc) comprova esta afirmação. No entanto, também está bastante claro que a raça humana tem qualquer coisa de transcendente: parece que somos capazes de ter consciência de algo maior, que não nos é próprio, e que no entanto, é o que temos de mais peculiar. Definir exatamente o que é esse algo a mais é uma tarefa complicada, talvez impossível, e, contudo, é uma tarefa que cabe somente a nós executar. Esta empreitada levou a muitos caminhos, mas vamos nos deter naquele trilhado por nossa sociedade ocidental.

O Ocidente, embora com muitos pensadores dissidentes desta filosofia, acabou por abraçar uma moral hierarquizante, coroando o homem com o lugar mais alto desta ordem. A natureza passou a ser pensada através de classificações, nivelamentos, que então foram a ela incorporados, sendo estabelecidos como conhecimentos dados. Um bom exemplo é o difundido conceito de cadeia alimentar. Aqui a dinâmica de equilíbrio da natureza perde seu caráter cíclico e se torna uma bem estruturada hierarquia, em que o homem reina absoluto no topo e a dominação sobre os demais se assegura meramente natural.

Esta dominação se torna ambígua ao utilizar-se de uma violência que é legitimada ora pela equiparação entre humanos e inumanos ora pela profunda distinção entre estes. Afinal, a opressão cometida pelos homens, tanto em relação à natureza quanto em relação aos seus iguais, está no mesmo patamar do ímpeto ofensivo dos animais ou até mesmo das catástrofes naturais?

Seguindo a indicação de Nietzsche em “Além do bem e do mal”<sup>3</sup>, reportemo-nos a um período pré-moral da humanidade em que “o valor ou não-valor de uma ação era deduzido de suas conseqüências: não se considerava a ação em si nem a sua origem, mas, de maneira semelhante ao que ainda hoje ocorre na China, onde uma distinção ou uma desgraça do filho recai sobre os pais, era a força retroativa do sucesso ou do fracasso que levava os homens a pensar bem ou mal de uma ação.” Vamos, portanto, tentar comparar estes dois tipos de violência não por suas origens, nem pelas ações em si, mas por suas conseqüências.

A “violência” exercida pela natureza, que de acordo com a separação feita pela nossa filosofia corresponderia aos “não-humanos”, tem como conseqüência basicamente o equilíbrio, tido aqui não como repouso, mas como *compensação, regulação, manutenção da vida*. Vida, ao menos na concepção que está a nosso alcance, seria a conservação dinâmica deste todo em que estamos inseridos e do qual fazemos parte, seguindo os preceitos de Heráclito de Éfeso, para quem o repouso, a inércia, a ausência de movimento seriam próprios dos mortos.

Portanto, o ataque de um predador a uma presa ou uma catástrofe natural, por mais que nos choquem ou nos comovam, fazem parte de uma dinâmica da vida. Eles pertencem a um processo de regulação, cuja lógica em sua maior parte desconhecemos, e que, no entanto, já perdura, na menor das estimativas, há alguns bilhões de anos.

A “violência humana”, pelo contrário, vai contra esse movimento regulador, pois não está inserida na lógica do todo – ela tem uma lógica própria, que visa beneficiar (ao menos ilusoriamente) apenas a própria espécie humana. Ela tem como conseqüência o desequilíbrio no sentido de caminhar para um fim, de lidar não com a idéia de ciclo, mas de linearidade e esgotamento.

Uma boa maneira de exemplificar o abismo existente entre estas duas supostas formas de violência é retornar à cadeia alimentar. Conforme foi dito antes, a relação entre predador e presa se insere na dinâmica da natureza, e por isso, tem conseqüências “saudáveis” para o meio ambiente como um todo. Já a

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Companhia das Letras, p. 36.

criação de gado para a alimentação humana, por exemplo, foge desta relação presa-predador, cuja lógica está fora até mesmo dos domínios daquele que é “dominante”. Ao se reinventar esta relação a partir de uma coerência própria do “dominador”, a natureza fica comprometida em toda a sua sabedoria essencial. É o que acontece no caso citado: a partir do momento em que o homem cria bois em quantidade e condições diferentes daquelas que são próprias de sua natureza, ele gera um desequilíbrio, uma violência.

Eu definiria violência, portanto, como a expropriação de algo que essencialmente é próprio de alguém. Nesta concepção, a violência é exclusivamente humana, já que nós somos os únicos entes produtores de sentido, e assim, também os únicos capazes tanto de tornarmos plena a manifestação do ser, quanto de nos afastarmos de nossa própria natureza.

Através da arte, por exemplo, o homem revela algumas das infinitas possibilidades do ser, sempre ocultas, e no entanto, sempre à espreita, esperando serem desvendadas. Um processo descrito por Proust, no primeiro volume da série *Em Busca do Tempo Perdido*<sup>4</sup>: “Humana desse ponto de vista, (a frase da sonata) pertencia no entanto a uma ordem de criaturas sobrenaturais que nunca vimos mas que apesar disso reconhecemos enlevados quando algum explorador do invisível chega a captar uma delas, a trazê-la, do mundo divino a que ele tem acesso, para brilhar alguns instantes acima do nosso.”. Nossa sociedade, entretanto, não estimula uma visão artística de mundo, mas utilitarista, em que as infinitas possibilidades se transformam em uma “verdade absoluta”, estática, sem movimento, e que se distancia, portanto, da própria vida.

Se a violência está intimamente ligada à produção de sentido, então podemos dizer que ela se relaciona inexoravelmente com a linguagem. Esta deve ser entendida aqui não como um dispositivo do homem a serviço de sua interioridade, mas como a dimensão pela qual nos é possível transcender. Neste caso, já não é o homem que produz a linguagem, mas justamente o contrário: é a linguagem que produz o homem.

---

<sup>4</sup> PROUST, Marcel. *Em Busca do Tempo Perdido. No Caminho de Swann*. Editora Globo, p. 421.

Como já foi dito antes, o que o homem tem de mais peculiar é a sua capacidade de vislumbrar o infinito, e ele o faz na e pela linguagem. Assim, a fala humana corresponde mais a uma escuta do que a uma expressão. Falar, portanto, em seu sentido mais originário, seria escutar um apelo do ser. A produção de sentido se daria na medida em que, pela linguagem, o homem integra as coisas, desvelando suas possibilidades. É na palavra que as coisas perduram como tal, e são evocadas mesmo na ausência. É através da fala que se reúne as coisas, ao se fazerem presentes mesmo quando distantes.

Esta virada na concepção de linguagem sugere também uma virada nos estudos literários e midiáticos. Antes de atentar para as diferentes formas de expressão da violência através da linguagem, seria interessante perceber o modo como antes a violentamos, e por conseguinte, agredimos a nós mesmos e àqueles que nos rodeiam.

Se originariamente a linguagem é o meio pelo qual exercemos a nossa humanidade, então sua perversão pode significar nossa desumanização, nosso afastamento em relação ao todo ao qual pertencemos. Infelizmente vivemos segundo uma lógica cujo imperativo é a própria perversão. Victor Hugo Adler Pereira cita um trecho de Birman em seu ensaio *A Lei do Silêncio da Violência* que ilustra bem esta situação: “A transgressão questiona o sistema normativo, propondo outras maneiras de regulação que conduzem a novas formas de subjetivação (cf. Foucault). É a singularidade, em sua diferença, que está sempre em pauta. Como conseqüência, a descontinuidade e a ruptura são as marcas inconfundíveis da experiência transgressiva. A perversão, por sua vez, visa à reprodução do sistema de normas instituído, não existindo nenhum risco em jogo. Ao contrário, o agente busca o incremento de seu poder pessoal, com escaramuças marcadas pelo cálculo: avalia possíveis ganhos e perdas. Além desse caráter de continuidade, a individualidade perversa se caracteriza também pelo moralismo: não obstante seus atos escabrosos, submete-se à moral vigente, freqüentemente de maneira servil. (Birman, 2002, p. 49-50).”

Há, portanto, uma clara inversão de valores. Estimula-se o individualismo sem o exercício da subjetividade. As pessoas vivem padronizadas, mas não se

conectam ao meio em que vivem. Para reinventarmos o mundo, a natureza, para reinventarmos a própria vida é preciso nos redescobrirmos enquanto seres humanos. O primeiro passo é trocar a perversão pela transgressão: romper com as regras massificantes de comportamento através de um pensar que se singularize em relação ao todo.

A linguagem, enquanto entidade fundadora de mundo, é crucial neste movimento, e assim devemos nos questionar se reproduzimos uma linguagem pervertida ou se trilhamos uma linguagem transgressora.

## BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Manuel Antônio de. *Ecologia: a cultura como habitação*. In: SOARES, Angélica (organização). *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. São Paulo: Editora Vozes, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

PEREIRA, Victor Hugo. *A Lei do Silêncio da Violência*. In: DIAS, Ângela Maria e GLANADEL, Paula (organização). *Estéticas da Crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. No caminho de Swann*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

SOUZA, José Cavalcanti de. *Os Pensadores - Pré Socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.